

— Ainda vai bater? — [...] Aiko Hayasaka lançou-lhe um olhar furioso antes de, com esforço sobre-humano, empurrá-lo para longe e correr até a jovem patrozinha, que parecia extremamente constrangida. — Aiko, o Rokuyo não está me maltratando, não fique brava... — Eu sei. Aiko respirou fundo antes de continuar: — Senhorita, deixe o Miyamizu tocar sua testa. — Hã? — Kaguya Shinomiya corou e murmurou, baixinho: — Mas... Aiko, você está aqui, não acho apropriado... Aiko, já suspeitando do estado da patrozinha, falou impaciente: — Só fique quieta e deixe ele fazer o que tem que fazer, por favor. — Tá. Kaguya virou o rosto, magoada. Vendo aquilo, Aiko levou a mão à testa e virou-se para Rokuyo. — Pronto, você vê como ela está... Enfim, da próxima vez, não se atreva a perturbá-la. — Aiko, o Rokuyo não fez nada! — Fique quieta. — [...] Rokuyo Miyamizu observava Kaguya com uma expressão intrigada. Era a primeira vez que a via daquele jeito... vulnerável, desorientada. E absurdamente fofa. Ele acenou suavemente e se aproximou, abaixando a voz: — Kaguya, vou tocar sua testa agora. — Mhm... Se for você, Rokuyo, eu deixo. [Ai, meu Deus...] Ele quase sucumbiu ao desejo de abraçá-la, beijá-la e girar com ela no colo. — Depressa — Aiko cutucou, com ar de desdém. Se Kaguya estava naquele estado frágil, qualquer um poderia abusar dela. Se não estivesse ali para protegê-la, quem sabe no que daria? — Certo. Rokuyo resignou-se, evitando provocar Aiko ainda mais. Pousou a mão na testa de Kaguya, que piscou rapidamente antes de desviar o olhar, o rosto queimando de vergonha. — Já chega. Aiko afastou-o imediatamente. — Senhorita, como está se sentindo? — Desculpe... — Kaguya olhou rapidamente para Rokuyo antes de sussurrar: — Aiko, eu me lembrei de tudo. — Ótimo. Aiko soltou um suspiro de alívio, mas logo endureceu a expressão. — Depois a gente conversa sobre o fato de você ter se metido num jogo perigoso sem avisar. Por enquanto, vamos nos concentrar em sair daqui. Capítulo 32: A Organização SOS de Observação de Catástrofes Globais — Tenho uma ideia sobre o jogo — disse Rokuyo, guardando o celular. — Qual? — Kaguya recuperou instantaneamente a postura séria e se aproximou. Aiko: [...] Ela suspirou antes de se juntar aos dois. — O jogo Catástrofe Final não nos deu nenhuma dica sobre como vencê-lo — explicou Rokuyo. Kaguya franziu a testa. — Ou seja, ou as condições de vitória não serão reveladas, ou... — Ainda não é hora? — completou Aiko. Rokuyo assentiu. — Se é um jogo, precisa ter um objetivo claro. Então, provavelmente é questão de tempo. Os três trocaram olhares. — Vou começar os preparativos — anunciou Aiko. — Espere. Rokuyo segurou seu braço, sério. — O perigo pode surgir a qualquer momento. Não separemos. — Aiko, ligue para quem precisar — acrescentou Kaguya, firme. — Mas não saia do nosso lado. — Entendido. Os três deixaram a sala abandonada juntos. Rokuyo olhou para os portões da escola, depois para as próprias mãos. Ele sabia: outros jogadores estariam por ali. Pessoas importantes para ele poderiam estar envolvidas. E então, o que fazer? Foi quando uma notificação apareceu: [Você lembrou-se das "Mãos Divinas". Com determinação suficiente, pode desencadear milagres. Decide usá-las para interferir no sistema de som da escola...] [Todos os jogadores recuperam as memórias antes do previsto...] Era isso! Rokuyo parou abruptamente. — Kaguya, cuide daqui. Vou até a sala de som. Nos encontramos naquela sala depois. Mal terminou a frase, saiu correndo. Dois minutos depois, na sala de transmissões, ele pressionou as mãos contra o equipamento, fechou os olhos e concentrou-se. Três minutos se passaram até outra mensagem surgir: [Você conseguiu! O sistema de som agora emana energia sobrenatural...] Funcionou. Rokuyo respirou aliviado. Aquela coisa de "força de vontade" ainda era abstrata demais para ele, mas o importante era ter dado certo. Ele ajustou os controles e ligou o sistema de som da escola. — Testando, testando... As caixas de som pela escola ecoaram o som. Ele sentou e falou, com a voz grave e autoritária: — Atenção a todos. Aqui é Rokuyo Miyamizu, do SOS — Organização de Observação de Catástrofes Globais — e também o garoto mais bonito da escola. Informe que, em breve, o mundo enfrentará uma calamidade sem precedentes... — Esse desgraçado! — Kaguya cobriu o rosto, mas seus olhos brilharam de admiração. [Claro que ele faria algo assim... Meu amor é incrível!] Aiko revirou os olhos. — O que acha, Yumi? — Hm? A voz do Miyamizu é muito bonita... — cochichou Yumi, antes de se corrigir, envergonhada: — Quer dizer... O jogo já começou? Kaguya lançou-lhe um olhar glacial. — Para a sala abandonada. Agora. [Caramba... A Shinomiya está assustadora hoje.] Ximiga bateu no peito, fechou os lábios e seguiu adiante com um sentimento estranho de culpa no coração. — Ei, Kaguya, para onde estamos indo? Foi então que uma

voz soou, vinda de Fujiwara Chika, que parecia totalmente perdida. Ela não era uma jogadora. Por isso, não havia sinais de que estivesse recuperando a consciência. Mas Kaguya, mesmo sentindo desprezo pela "câncer da Terra", não estava disposta a deixá-la para trás. Vendo Fujiwara tagarelar sem parar, Kaguya revirou os olhos e soltou: — Cale a boca, sua câncer da Terra! Fujiwara Chika: ??? ... — BANG! A porta da sala de transmissão foi arrombada.

<http://portnovel.com/book/13/1897>